

## Mar... Maré alta...e Fórmula 1

*Promenade DECK e as 24 horas do Amélia...*

Havíamos saído de Lisboa, com destino a Angola.

O navio navegava a toda a força, e desta vez com a "*fezada*," que iria ser uma autêntica viagem de prazer e lazer.

À passagem pelo Equador, os já habituais e sacrossantos baptismos, haviam sido realizados, e atribuídos os respectivos apelidos, aos passageiros, que pela primeira vez, passavam aquela linha imaginária.

Os baptismos deram lugar às ceias volantes, aos jogos de entretenimento, das quais destacamos o "loto", que por azar dos passageiros, de vez em quando "*quinava*", em favor de um passageiro, que de passageiro nada tinha...era um dos nossos!...

O "*marado cape*", abundava. O cheiro a sardinha fazia-se sentir na proa, dado a "*poupada*" de que vínhamos a beneficiar.

Oficiais e tripulação vestidos a rigor, faziam os possíveis e os impossíveis para darem ao festim, um toque de classe. Também não era preciso muito. Era preciso agradar à tropa, polícia, terroristas e algumas meretrizes que rumavam a Angola.

Aliás, coisa sempre fácil de atingir, dado a má fama que alguns paquetes granjearam, pelo que viriam a ser designados como paquetes da "*mancarra*".

Mas esta designação é secundária, até porque alguma da fina flor da nossa praça, que de vez em quando se fazia transportar, a bordo do nosso navio, preferindo-nos, sobre tudo, porque *este saía quando saía, e chegava quando chegava...*

Também Governantes e outros prestigiados passageiros, cujo estrato social muito variava entre o Juiz Desembargador, passando pelo fazendeiro, funcionário público, guarda florestal, "*actrizes*" com destino à vida nocturna, aos grupos de terroristas com destino ao Tarrafal, já referidos, igualmente nos preferiam.

Aliás, o ambiente era de facto bom e a "*rapaziada*" tudo fazia para agradar, tanto aos patrões e seus familiares, bem como ao mais mortal do passageiro que tivesse preferido o nosso navio e a nossa Companhia.

Ora, esta preferência *tinha a ver de facto, com a nossa sabedoria*, aliada à arte de bem receber, atributo que os "*machos ibéricos*" bem sabem explorar, e colocar ao serviço dos nossos passageiros clientes.

Por esta razão ou outra qualquer, os passageiros programavam viajar a bordo do AMÉLIA DE MELLO, connosco, só para poderem usufruir das "*atenções*", e "*tentações*" que eram alvo por parte da tripulação em geral, e dos Oficiais em particular...

Quase todos sem excepção ficariam ansiosos por voltarem à nossa Companhia; ou seja, nós e à Sociedade Geral.

A casa da bagagem e das pequenas encomendas, trazia de tudo.

Ali, lado a lado, pequenos e grandes volumes, mais ou menos estivados levavam os tão afamados e enchidos apetitosos do norte do país, e traziam os grandes caixotes compridos de madeira africana, com os restos mortais, dos nossos gloriosos soldados mortos em combate.

A um canto, na amura de BB, um bonito, novo e robusto carro de bebé, sobressaía no meio de toda a aquela confusão...

O Alves, Oficial Radiotécnico, deliciava a rapaziada com as suas historietas de banda desenhada, procurando assim, contribuir para amenizar as agruras do dia a dia do navio.

A messe dos Oficiais era assim por dizer, o local nobre destinado à exposição de tamanha arte e habilidade, em que o humor de bordo marcava a sua presença.

No meio de tanta arte, ler-se-ia, destacadamente, uma alusão ao evento mais importante da viagem, que culminaria com a disputa das 24 horas do Amélia de Mello!?!...

Mas era preciso algo mais...A noite estava a ficar algo monótona!

Estávamos perante o maior dos eventos do século...A realização do Grande Prémio do Amélia de Formula 1.

Não posso crer!. Prova Automobilística de Resistência, em pleno mar alto?!!...

Nos alojamentos dos Oficiais a ré, "*nas boxes*" da Rua dos Canos, a azáfama era grande.

Os "*pilotos*" davam os últimos retoques na sua "*especial*" indumentária de competição.

Delineando táticas e estratégias, de modo a conferir à prova o nível desejado, não deixando cair "*ao paiol grande*", os créditos da organização., "*visconde pernas de rã*" coordenava.

Rui Raposo, "*piloto f1*" experiente, que já pilotaria para adaptação o tal carrinho de bebé - existente na casa da bagagem - e que já referi, *ajustava o capacete*.

Alves, o "*co-piloto*", de chupeta na boca e calção pelo joelho, tomava o lugar no "*cockpit*", do dito carrinho.

Os "*testes*" estavam efectuados e tudo a postos para volta de "*aquecimento*".

No "deck" principal, do Amélia, a "*organização*" superiormente conduzida pelo 2º oficial Romão da Figueira, procurava garantir que a prova contasse com uma grande afluência de público, e que a mesma decorresse sem "incidentes".

"Zé Carapau" e o "*Visconde Pernas de Rã*" tinham assegurado que a prova se iria realizar, durante a hora do jantar da 1ª classe.

Para quem não saiba, o "*Zé Carapau*", era o escriturário do Comissariado, e o "*Visconde Pernas de Rã*", era o 2º Despenseiro.

Está-se mesmo a ver, que a mesma iria ser realizada à revelia do "*Tio*".

Meu dito, meu feito.

O jantar decorria, ia já para 5 minutos. O "*Tio*" estava sob controlo.

A postos, passageiros da turística e tripulação disponível, que sabia da concretização do evento.

*Piloto e co-piloto* iniciam a sua marcha a caminho da messe de oficiais, pelo pavimento de acesso inferior seguidos por todos os "*fãs e seus companheiros de luta*".

Uma vez na casa da bagagem, tomam mão do protótipo, e vai de subir à praça Dª Amélia de Mello.

Estávamos a momentos da realização da grande prova.

Ponces de Carvalho garantia que o sistema de "*apostas*" estivesse à altura do acontecimento.

"Zé Carapau" informa que o "*Tio*" e "restante fauna acompanhante" estão sob controlo.

"Quim Romão" assegura-se dando volta ao circuito, de vante a ré, a BB e EB, que a pista reúne as condições de segurança, "*exigidas*" para que se dê o início da prova.

O ambiente gerado à volta do acontecimento, não tinha passado despercebido ao 1º piloto, e a julgar pelo que sabíamos, mais tarde mais cedo iria dar com a língua nos dentes ao "Tio".

Na ponte, de quarto, o 2º piloto Carmona, vigiava, para dentro e para fora.

O marinheiro de quarto, que tinha vindo cá a baixo, ver se tudo estava em ordem, depressa subiria, e transmitiria a boa nova do início da grande prova das 24 horas do Amélia.

O "Zé Capelas", ali ao nosso lado rezava a Cristo, para que o "Tio" não aparecesse, naquele tão esperado e nobre momento, que antecedia a largada.

Estavam reunidas todas as condições para que se desse início ao Grande Prémio do Amélia...

...ela havia cravado bem as unhas nas costas do 2º Oficial de Máquinas.

A enfermeira, a senhora Dª Cândida nem queria acreditar que fosse possível "apanhar-se" tal acidente..

Claro, que aos olhos da bondosa e educada senhora enfermeira, aquelas arranhadelas, foram consequência de uma "escorregadela", durante o quarto na casa da máquina.

Pelo menos assim o fizeram crer à gentil senhora mas sem o conseguirem.

Este 2º oficial era, o que hoje se designa na gíria moderna, "o máximo"; não pela sua altura, por esta "era o mínimo", mas sim pelas suas formas aguerridas de "caçar"... e dar caça em plena planície marítima...

...A dor e a sensação havia sido de tal ordem, que nos camarotes circunvizinhos, se pensou que o grito ouvido, mais se parecia, com o uivo da hiena, quando ferida de morte...

Esperámos em vão saber qual o animal que teria sido o autor (a), de tamanha atrocidade, mas em vão...

Tudo funcionara com a muita perícia e manha, era obra de quem anda nesta lide há muito tempo.

Fazia muito calor. Os vaporizadores passaram o quarto quase sempre salgados. Eu estava quase transparente, no momento em que rendi o quarto ao Moita.

Era preciso fugir dali o mais rapidamente possível e procurar um pouco de paz e fresco dos nossos alojamentos.

O apetite, esse, já estava perdido vai para muito tempo, dado os muitos litros de água ingeridos durante o quarto.

Navega-se a toda a força.

A noite está fresca e convidativa.

Ali e acolá passageiros e tripulantes à mistura, procuram dar paz ao seu espírito, olhando o horizonte, como que fazendo contas de cabeça, aos dias de viagem que ainda têm pela frente.

Na piscina, uns quantos jovens, dão uns mergulhos, mesmo sendo proibido.

Na Sala Cabo Verde, um aglomerado de passageiros, joga uma emocionante partida de King, com algumas apostas por fora.

A largada tem finalmente lugar... A assistência vibra...

Ouvem gritos de incentivo aos condutores em prova.

Raposo...Raposo...Alves...Alves...Gritavam os presentes.

Penso para comigo, que o "Tio" vai ouvir e vai ser uma bronca...

A partida foi dada. A prova continua. Vamos já para a 2ª passagem, à sala Cabo Verde.

O "*bólide*" passa junto a nós e derrapa junto à porta de entrada da sala.

Espera-se o pior.

Só a perícia do "*piloto*" evita o acidente.

A roda da frente do lado direito, "*adorna*" para fora a olhos vistos, e assim permanece até ao final da prova.

O carro dá voltas e mais voltas. O suor estampado no rosto dos "*pilotos*" demonstra bem, quanto não é difícil, esta tarefa de ser condutor de máquinas de correr...

A vitória e a glória de mãos dadas, acabam por premiar tão arrojado esforço...

Os aplausos, não tardam a ser ouvidos em todo o navio.

A debandada é um facto. Abre...E todos deram "*corda aos sapatos*"...

As comemorações têm lugar à popa na sala de estar junto ao "Zé Capelas", que não pára de dar graças ao Criador, por ter permitido tão nobre acontecimento, sem o Tio saber...

A voz da "impressa" não se fez tardar. E a do "bufo" e a do imediato também não...

Tudo acabou em bem,  
E a prova foi bestial.  
O "Tio" esse também,  
Não levou a mal..

Pró Alves a história contada,  
*Já não faz sentido.*  
Fica a sua banda desenhada  
Recolhida por um amigo.

O "Tio" ao Céu subiu...  
A irreverência acabou.  
A história está acabar,  
Não sem antes contar,  
Com o Chefe se cruzou,  
E para o Alves sorriu...

Ao imediato esse "bufo",  
Mil pragas roguei...  
Umás caíram em cima de mim,  
Outras em quem, não sei.

O Quim está no mar.  
O Raposo junto ao mar está.  
O Moita perto da gare,  
E o Ponces saiu de lá...

O Carmona a sornar...  
Os outros não sei.  
O "bufo" a pintar,  
E eu logo verei...  
O Pacote está parado,  
Por sinal avariado.  
No meio do Mar,  
**D**onde estou a falar..

Todo Inclinado,  
Meio afundado.  
Se ali continuar,  
Só sai a remar.

E o Amélia foi.  
Itaka é...Itaka vem.  
Amélia não é também.  
Itaka veio...Itaka foi.  
Amélia é ninguém.

Zion outrora,  
Pronto a navegar.  
Por esses mares fora,  
Anda a parar.